A Cidade Como Cena

MARIA LUIZA HEILBORN

O livro *Antropologia dos Grupos Urbanos* de Rubem Oliven * vem somar-se aos esforços de consolidação desse campo de interesse entre nós. Livro sucinto, mas cujas pretensões — fornecer um panorama da problemática envolvida na investigação da cidade — são amplamente alcançadas.

Com critério, espírito didático e linguagem acessível aos não iniciados, Oliven apresenta as questões clássicas da antropologia urbana, seus principais autores, bem como uma visão do estágio atual das pesquisas sobre cidades latino-americanas.

Trata-se de um trabalho de compilação da produção mais significativa que o campo reúne, seja de autores estrangeiros, como Redfield, Wirth, Harris, seja de autores nacionais, tais como Antonio Cândido, Velho, Cardoso e Durham. A partir de trechos extraídos desses trabalhos, o autor monta um painel expressivo sobre os temas em debate. O livro é composto de cinco capítulos que partem de uma indagação sobre o sentido da antropologia dedicada ao urbano, versando sobre os seus métodos, as principais teorias sobre a cidade, momento em que passa em revista os chamados clássicos, e incluindo um balanço de pesquisas recentes; é, sem sombra de dúvida, um convite à reflexão.

Creio que é no 2.º capítulo, onde se discute a utilização dos métodos e técnicas antropológicas no estudo das sociedades complexas, que reside o âmago da discussão. É onde o autor melhor define sua abordagem frente à problemática e onde começa a tomar corpo o

---

* Oliven, Rubem — *Antropologia dos Grupos Urbanos.* Petrópolis, Vozes, 1985, 3 págs.

modo como operacionaliza o conceito de cultura, que, afinal de contas, constitui-se no patrimônio comum dos antropólogos.

Após um breve prólogo sobre a história da antropologia dedicada ao "exótico", Oliven introduz-se no debate sobre a natureza do conhecimento antropológico produzido onde e quando a distância entre pesquisador e objeto não está (superficialmente) garantida, isto é, quando estuda a sua própria sociedade. Este parece ser um tema de purgação obrigatória para todos aqueles que optam por estudar o meio urbano, particularmente quando se trata do mesmo em que vivem.

Nesse capítulo situam-se, a meu ver, os dois principais eixos da polêmica e do dinamismo do campo considerado. São eles: o estatuto da cidade como realidade sociológica e a questão propriamente epistemológica do modo como se processa o conhecimento sobre os grupos urbanos.

Considere-se o primeiro eixo. Oliven afirma, já à página 12, que o estudo do meio urbano deve ter como premissa a idéia de que a "*cidade é o local* em que convivem vários grupos com experiências e vivências em parte comuns, em parte diferentes". Em seqüência a esse seu trecho, o autor inclui uma passagem de Gilberto Velho em "o antropólogo pesquisando a sua cidade: sobre o conhecimento e heresia" (1980), onde este último põe em foco o grau de complexidade da vida urbana, sujeitando os seus habitantes ao convívio ininterrupto com a descontinuidade, com a diferença, eventualmente, com a impossibilidade de tradução de códigos.

Os argumentos de Oliven em favor de uma definição da antropologia pela acepção "*contexto*" (:13, grifo original) avançam pelo início do terceiro capítulo. Fazendo uma analogia com a sociologia urbana e apoiando-se nas opiniões de Castells, Oliven endossa a idéia de que a especialização em pauta corre o risco de diluir o seu objeto próprio na medida em que "o urbano seria tudo que ocorre no interior das cidades" (:13). E prossegue, concluindo: "Nesse sentido seria mais correto falar de uma antropologia *na* cidade do que *da* cidade".

Tomada essa posição, recorre a um trecho de "A organização social do meio urbano" (Velho e Machado, 1976) onde se postula que estudar situações que ocorrem em cidades não implica centrar a explicação no quadro urbano. Certo é que, no momento da conclusão (:50), o autor parece abrandar sua preferência por tal interpretação ao dizer que a compreensão da cidade passa pelo entendimento "de

que é o contexto em que se dão e para o qual *convergem diferentes processos sociais*" (grifo meu).

Cabe notar, entretanto, que essa polêmica, traduzida em termos de um antagonismo entre interpretações: local x "variável explicativa" (: 14) pode e deve ser matizada. Os trabalhos de Gilberto Velho, por exemplo, que estão entre aqueles que o autor elege na produção nacional, apresentam variações importantes quanto ao significado do qualificativo urbano. A meu ver, eles demonstram um deslocamento da ênfase primeira na definição de cenário para a de cena, se me é permitido usar uma metáfora retirada ao teatro. Não se trata tanto de uma inversão substantiva, mas, antes, de um privilegiamento de uma ótica mais atenta a sutilezas. Desenvolvo um pouco mais o argumento.

Um certo tipo de definição de antropologia urbana deve preocupar-se em descortinar a complexidade da vida metropolitana. Justamente sobre esse tópico desponta um dos seus desdobramentos mais interessantes, que é o da relevância do espaço, do local, como suporte para a constituição da identidade dos grupos sociais que habitam na cidade. A antropologia, em geral, tem mostrado que o espaço é um elemento crucial na produção de identidade. Esta questão resulta particularmente central, quando o urbano é eleito como campo preferencial da investigação. Tal escolha provoca e comporta uma dupla significação e, proponho, que ela permite a acoplagem do binômio acima mencionado local-unidade temática.

De um lado, há, certamente, a imagem poderosa de lugar. Estuda-se um determinado grupo ou fenômeno cujo palco é a cidade: uma antropologia *na* cidade. Mas não se trata apenas de localizá-lo geograficamente no mapa metropolitano, mas de entender sua inserção na lógica da urbe, como um todo, lógica que, ao confrontar grupos, ao impor o convívio da diferença, é a realização mais completa da pluralidade de estilos de vida, de multiplicidade de mundos sociais. Nesse sentido, o tópico da localização que se inscreve no "plano das relações sociais que definem o comportamento" (:11, 18 [1]) dos grupos redimensiona-se frente às implicações sociológicas do viver na cidade. É próprio, então, falar de uma antropologia *da* cidade, onde os grupos produzem suas identidades a partir do local. porque este serve de suporte e emblema de relações sociais que os constituem e diferenciam perante os demais.

---

1 Voltarei a essa definição mais à frente.

O segundo eixo refere-se à questão da alteridade do objeto [2]. Os estudos em área urbana, ao lidarem com grupos a princípio nada exóticos, enfrentam e são obrigados a redimensionar a questão da distância entre o pesquisador e o pesquisado, que é, na verdade, própria às ciências sociais como um todo. Apesar das diferenças significativas produzidas por uma sociedade estratificada, e tão bem ilustradas na vida urbana, poder-se-ia supor que o compartilhamento de um acervo de valores poria obstáculos à operação cognitiva do estranhamento. Pode-se contra-argumentar que a experiência de viver nas cidades, através do convívio da diferença que ela pressupõe, poderia, ao contrário, fornecer quase que automaticamente a consciência da alteridade. A tarefa antropológica reside em demonstrar tal operação cognitiva — que acede ao diverso pela familiaridade com ele —, assinalando que, se há percepção da diferença (dada pela hierarquização social), ela é diluída pelo fato deste "conhecimento" não deixar de ser ditado pela ótica de valores sempre particulares. Neste caso, a existência e o reconhecimento do "outro" estão pré-determinados por um lugar e entendimento dados tão somente por critérios específicos, que lhe ignoram lógica e significado. O trabalho de construção de um modelo interpretativo para a situação observada exige uma postura de redobrado cuidado para que a ilusão da familiaridade possa não comprometer a análise.

Chego agora a um outro aspecto relevante no trabalho *Antropologia dos Grupos Urbanos*, ou seja, o modo como se delineia a concepção de cultura que informa o livro.

Na página 18, fazendo um balanço da Escola de Chicago, Oliven afirma que subjaz na análise de Redfield e Wirth uma "perspectiva culturalista", e esclarece: "O comportamento social passaria então a ser explicado como resultado da cultura e não o contrário".

Depara-se aqui com uma tomada de posição do autor sobre o seu entendimento do que vem a ser cultura, posição que vai sendo atualizada ao longo do livro particularmente, no capítulo IV em que são comentadas as pesquisas realizadas em cidades [3]. Rubem Oliven mostra-se partidário de uma definição de cultura aos mōldes da tradição de Radcliffe-Brown. Entende que a cultura é uma instância subordinada à das relações sociais, como que emergindo, sendo produzida, a partir desse contato. Cultura tem, então, um estatuto secundário frente à realidade mais propriamente sociológica.

---

2 Tema debate entre Da Matta (1947) e Velho (1981).

3 Destaque-se sua interpretação sobre os trabalhos que lidam com o fenômeno da religião.

Essa postura tem repercussões importantes para o encaminhamento da análise. Pode-se, inclusive, filiá-la à escolha de tratar a cidade na condição de local onde se encontram os grupos que o antropólogo urbano persegue.

Entretanto, uma abordagem um pouco distinta quanto à natureza dos vínculos entre cultura e relações sociais — propõe-se aqui uma inversão da hierarquia entre os pólos — pode nos conduzir a outros caminhos e, certamente, a um em que a experiência da cidade seja tomada em seu sentido mais radical. Recorro a um exemplo retirado da pesquisa que realizei em um subúrbio carioca (Heilborn, 1984).

A feição urbana da cidade do Rio de Janeiro está marcada por uma polaridade espacial e na qual se apresentam com certa nitidez as relações entre a organização do espaço e o plano da estrutura social. A metrópole apresenta uma segregação bastante expressiva entre, basicamente, duas áreas: zona sul, de um lado, e zona norte e subúrbios de outro. A oposição norte-sul reflete muito mais do que a localização geográfica englobando bairros que, a rigor, estão, de maneira diversa, enquadrados na divisão administrativa da cidade. Um retrato atual do Rio de Janeiro tenderia a fixar a imagem de que a disribuição espacial da população coaduna-se com um perfil da estratificação social; a orla marítima ocupada pelas camadas mais privilegiadas, decrescendo-se na hierarquia social conforme se interioriza, para fixar nos subúrbios cariocas as parcelas mais pobres da população Certamente a este esboço deveria ser acrescentada uma série de detalhes e reparos, na medida em que há variações significativas entre os diversos bairros que se distribuem por essas áreas geográficas, não se esquecendo a presença das favelas.

De toda a maneira, é a oposição norte-sul que torna inteligível o lugar das áreas na estratificação social do espaço. Esse processo de classificação continua por operar segmentarmente no interior de cada um desses termos, reintroduzindo o critério do *status* e complexificando o mapa da cidade.

Na representação do espaço urbano, acervo comum dos habitantes da cidade, impera, pois, uma rosa dos ventos eminentemente social. Ela traduz-se como um indicador de fronteiras culturais que demarcam mundos sociais, a princípio bastante contrastivos, quanto a estilos de vida.

Há no vocabulário carioca um leque de expressões que designam os moradores da zona norte e do subúrbio. No linguajar usual, o termo "suburbano" reveste-se de uma série de significados negativos. Buar-

que de Holanda arrola-o como sinônimo de mau gosto e, em geral, o seu uso é pejorativo e acusatório. Trata-se de uma categoria que, ao se ancorar numa dimensão do espaço, fala de hábitos, costumes, visão de mundo. De cunho fortemente preconceituoso, ela é expressiva de uma certa configuração de valores, que, se de um lado, é particular (daquele que não é suburbano), é, também, perspicaz sobre esse "outro", além de ter o intuito declarado de estigmatizá-lo.

A zona sul é entendida como "cosmopolita", "moderna", "refinada", cabendo à zona norte e subúrbios a pecha de "cafona", "atrasada", tradicional". Tais valores são consistentes com o imaginário da cidade, de tal sorte que, caso se examine obras literárias ou filmes, depara-se com um apelo reiterativo a esses valores.

Detenho-me nesses relatos. Lima Barreto (O Triste Fim de Policarpo Quaresma, Clara dos Anjos, etc...), a meu ver, é o autor que inaugura e delimita os significados que o subúrbio vai apresentar: de um lado, como o lugar da segregação, da pobreza, da desorganização social; de outro, lugar da nostalgia e da autencidade das relações, da ingenuidade dos costumes, da importância da vizinhança. É o primeiro a esboçar a configuração do caricatural e a designar a distância espacial e social que se interpõe entre as camadas privilegiadas da sociedade carioca, tomada como mundana e citadina, e essas outras que habitam o subúrbio. Tradição que, mais tarde, é retomada e hiperbolizada por Nelson Rodrigues, quando suburbano torna-se, definitivamente, sinônimo de mau gosto.

Mas é com o cinema, quando transporta para a tela as obras rodriguesianas, que tal configuração chega ao zênite. Cito alguns exemplos: "Sete gatinhos" (Neville de Almeida), "A falecida" (Leon Hirschman), "Boca de Ouro" (Nelson Pereira dos Santos)[4]. São filmes em que a ambientação amarra as imagens plasmando-as à idéia de subúrbio.

Literatura e cinema consagram, portanto, certas representações, ao incorporarem e recriarem um inventário de signos sobre posição social dos indivíduos e espaço. Índices, como "pessoal zona sul", ou "coisa de suburbano", atuam no sentido de caracterizar um conjunto de expectativas em torno dos seus portadores. Escritores e cineastas utilizam-se dessas marcas reconhecíveis pelo seu público porque, tão somente uma alusão a elas propicia um encadeamento de idéias, na medida em que compartilham um mesmo repertório simbólico.

---

4 Há, ainda, o clássico "Rio-Zona Norte", de Nelson Pereira dos Santos.

A categoria de "suburbano/zona norte" apresenta, além da dimensão do estigma, uma certa acuidade etnográfica. Ela é uma montagem de múltiplos atributos. De um lado, refere-se aos setores mais pobres da população, à favela, mas, igualmente, a certos segmentos de camadas médias. Por extensão, significa a preferência (não valorizada) por certos gostos, certos prazeres. Mas fala, também, de um estilo de vida onde a sociabilidade entre vizinhos é intensa, de um espaço nostálgico porque quase infenso ao progresso, um lugar de tradições [5].

Trabalhando com segmentos sociais relativamente similares àquele de *Utopia Urbana* (Velho, 1973), os pesquisadores (Carneiro: 1982 e Heilborn: 1984) deparam-se com o fato de que seus entrevistados parecem manter um diálogo ininterrupto com os informantes de Gilberto Velho.

O discurso de tal morador do subúrbio está fortemente vincado pela contraposição que estabelece com a zona sul. Há ênfases variadas. Por vezes, recaem na reivindicação de uma paridade de condições de classe, minimizando, portanto, o item local de residência. Em outras ocasiões, a tônica incide sobre as diferenças entre estilos de vida, valorizando o subúrbio — lugar da amizade, da autenticidade. E, por certo, fazendo críticas acerbas ao modo como se processa a vida na zona sul. Para tais grupos, local do anonimato, das relações impessoais, do egoísmo e solidão — facetas que contrabalançam o reconhecimento de que morar ali associa-se a um *status* social mais elevado.

Parece claro que, apesar de os moradores de subúrbio terem elementos para recusar a conotacão pejorativa de suburbanos, eles se encontram como que enredados por essa imagem, com a qual são obrigados a dialogar, contrapor-se, acatar, refazer. Mesmo quando afirmam que ela é distorcida pela ótica dos que não conhecem o subúrbio e o desprezam, é para, no momento seguinte, serem obrigados a considerar o enunciado e justificar-se. Na verdade, a identidade desses indivíduos está comprometida, emoldurada por essa representação.

Ora, está-se perante uma dada realidade que transcende o plano meramente sociológico. Trata-se de um conjunto de valores que apelando para a dimensão do espaço, diagrama a experiência urbana. Pode-se falar de uma categoria de acusação porque também é verídica a existência um tanto quanto difusa, mas não menos importante, de

---

5 Lugar de samba, balão, clóvis e malhação de Judas.

uma "cultura suburbana". Trata-se de um plano distinto, de uma materialidade diferente daquela que se nos oferece à observação dada por relações sociais concretas. Mas é igualmente verdade que essa instância propriamente de representação influi, decisivamente, sobre o comportamento de atores sociais.

É mérito de *Antropologia dos Grupos Urbanos* conduzir o leitor a tais reflexões. O livro de Oliven, propondo-se a mapear as posssibilidades de uso dos métodos e técnicas antropológicas na cidade, é um estímulo para uma tarefa. Alcança plenamente seus objetivos ao colocar-se como guia da trajetória e das discussões internas do campo. A análise relativa às teorias sociais sobre o urbano é segura e precisa, indicando suas principais contribuições, linhas de pensamento mais importantes, bem como assinalando seus impasses.

Por todas essas razões, o livro de Rubem Oliven integra-se com vigor à galeria da produção brasileira sobre o meio urbano.

BIBLIOGRAFIA

CARNEIRO, Sandra. "Balão no Céu, Alegria na Terra: um Estudo Sobre as Representações e a Organização Social dos Baloeiros". Rio de Janeiro, MN/PPGAS, dissertação de Mestrado, 1982.

HEILBORN, Maria Luiza. "Conversa de Portão: : Juventude e Sociabilidade em um Subúrbio Carioca". Rio de Janeiro, Museu Nacional, dissertação de Mestrado, 1984.

DA MATTA, Roberto. "Ofício do Etnólogo ou Como Ter Anthropological Blues. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n.º 27, 1974.

GORAN, Therborn. *The Ideology of Power And The Power of Ideology*. Londres, NLO, 1980.

VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

————————. "O Antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia", In *O Desafio da Cidade*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

————————. "Observando o familiar". In *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VELHO, Gilberto & Luis Antonio MACHADO. A organização social do meio urbano. *Anuário Antropológico/76*, 1976.